

O DESAFIO DOS BANCOS NA NOVA ERA FINANCEIRA DO BRASIL

Economia nacional tende a acompanhar mais o ritmo mundial apesar dos planos anunciados pelo governo. Sozinho, o Brasil não consegue crescer

O Brasil passa por um de seus melhores momentos no setor financeiro, apesar da turbulência internacional no mercado de ações dos últimos meses, desencadeada pela crise de crédito imobiliário dos Estados Unidos, o subprime. Embora os reflexos da “gripe” norte-americana ainda devam ser sentidos durante algum tempo do lado de cá do continente, temos um pouco mais de otimismo hoje em relação há alguns anos para tomar decisões financeiras sem tanta dependência do mercado externo.

Isto ocorre pelo fato de o País estar com a economia estabilizada, uma moeda forte perante o dólar, empresários otimistas e investindo na construção ou expansão de suas companhias, perspectivas interessantes de crescimento micro e macro-econômico, além de uma Bolsa de Valores robusta e atrativa para os investidores internacionais.

Estes fatores, aliado à conquista do chamado grau de investimento, ou Investment Grade, uma recomendação de investimento positivo das agências de classificação de risco internacional, que a meu ver deve ocorrer em breve, tende a acelerar a entrada do Brasil em uma nova era financeira, capaz de gerar ainda mais riquezas para os investidores e para o próprio País. As fontes de captação de recursos serão multiplicadas nesta era com o voto de confiança externo.

Mas a nova realidade traz um grande desafio para o setor bancário. Com o crescimento do crédito a taxas similares a 25% ou 30% ao ano e tendo quase 35% deste crédito atrelado ao PIB, precisaremos tratar nossas perspectivas de mercado com bastante cautela e planejar bem mais nossos passos. Embora ainda seja um porcentual pequeno, ao se levar em conta outras economias emergentes como Índia ou México, a fatia do PIB ligada ao crédito tende crescer nos próximos anos, principalmente no âmbito das pequenas e médias empresas, o chamado Middle Market, de carona no crescimento do País.

Este aumento, no entanto, não está atrelado diretamente a um ou outro plano econômico do governo. Está sim ligado ao crescimento orgânico de toda economia mundial, capaz de alavancar os resultados do País com linhas especiais de crédito a juros atrativos e prazos de pagamento mais longos. O Brasil cresce se o mundo estiver junto. Sozinho, o País não consegue crescer. Raríssimos são os exemplos de nações que se desenvolvem na contramão da economia mundial.

Para acompanhar o ritmo, o empresário tem hoje opções à sua disposição. Ele pode ir buscar aportes aqui ou lá fora. Basta colocar suas necessidades na “ponta do lápis” e decidir qual o melhor investimento.

Ao longo de nossos 40 anos de experiência no mercado financeiro, vimos muitas turbulências, crises, planos econômicos e soluções pintadas como milagrosas para economia - que, no fundo, não se mostraram tão eficazes assim - passarem. Mas estes fatos, de uma maneira ou de outra, deram uma injeção de ânimo no empresário. A crise do subprime – como a da Ásia, da Rússia, no final dos anos 90, entre outras – vai passar, a Bolsa voltará a se valorizar e os bancos continuarão a ser uma das principais locomotivas da economia mundial.

Pelo fato de termos uma postura bem conservadora, nos credenciamos a passar por este período com grande estabilidade. Outro detalhe que não pode ser esquecido: ninguém vive sem ter um banco de confiança. E é aí que entramos. Oferecendo as melhores opções para o cliente, em momentos de céu azul ou de nuvens carregadas.

Morris Dayan é diretor executivo e de Relações com Investidores do Banco Daycoval, um dos líderes no segmento de Middle Market, com 40 anos de experiência no mercado financeiro brasileiro.